BIO IN SITU 061 – DESMONTE NA FUNAI

LEGENDAS

(/) : Representa uma mudança durante a fala;

(...) : Representa uma pausa na fala;

(“ ”) : Destaca títulos de obras literárias, textos científicos e termos em outro idioma;

(: “”) : Introduz um pensamento ou fala de pessoas que são mencionadas no podcast;

(*) : Destaca falas sobrepostas.

([ ]): Destaca efeitos sonoros

Cafeína	**Cafeína:** Você está ouvindo Biologia In Situ podcast. Porque todas as estradas levam à biologia!
Ricardo Gomes	**Ricardo Gomes:** Olá, bio-ouvinte! Tudo bem? Estamos aqui com mais um episódio, agora começando uma nova minissérie, a nossa minissérie política, totalmente fora Bolsonaro, bem por aí mesmo que iremos tratar nesse um mês e meio, mais ou menos, que falta para o primeiro turno das eleições deste ano de 2022. Você que está escutando em 2030, se ainda existir Brasil fala para nós como é [risos]! Eu sou seu host de hoje, Ricardo Gomes, e comigo aqui elas que são das originais aqui na nossa equipe de locução, uma das primeiras pessoas que estiveram no Biologia In Situ, desde o comecinho, a nossa primeira coordenadora de edição de áudio, a bióloga e professora Raissa Bella.
Raissa Bella	Olá, bio-ouvinte! Quanto tempo! Tudo bem com vocês?
Ricardo Gomes	Tudo bem! Junto conosco também Cristianne Santos, a nossa coordenadora de transcrições e ainda da instituição Cristianne Santos.

Cristianne Santos	[risos] Oi, bio-ouvintes! Muito bom estar aqui, principalmente nesta minissérie.
Ricardo Gomes	Principalmente nesta minissérie que vai ser importante. Compartilhe com todo mundo que vocês acham que estejam aberto para diálogo, para ouvir certas coisas e principalmente neste primeiro episódio, nós vamos falar durante toda essa minissérie os desmontes que esse governo que está em ação desde 2019 provocou em algumas instituições que tenham a ver com a biologia e hoje começamos a falar sobre a FUNAI e a causa do desmonte em geral. Vamos falar também sobre meio ambiente, sobre educação e sobre a saúde, essas áreas que são mais próximas da biologia, mas que de longe não são as únicas que passaram por desmontes e estão passando perrengues até agora. Vamos iniciar o episódio de hoje com uma fala de uma entrevista muito especial que conseguimos Prof. Dr. Eliel Benites, professor e diretor da faculdade intercultural indígena dentro da Universidade Federal da Grandes Dourados (FAIND/UFGD). Fiquem com a fala do professor Elie Benites.
Áudio do Prof. Dr. Eliel Benites	Olá. A Terra para nós indígenas Guarani e Kaiowá, aqui do estado de Mato Grosso do Sul, é o lugar da vida, é o lugar da existência, ela representa o lugar das relações com as nossas divindades e a produtividade da nossa humanidade com o povo diferenciado. Ao longo do século os não-indígenas chegaram e ocuparam esse território e tiraram toda a riqueza natural e transformaram, submetendo nossos ancestrais em processo de escravidão e exploração, essa base da relação colonial de colocar toda a questão indígena como uma categoria menor da sociedade não-indígena. Ela é uma base da relação até hoje, na qual, nos encontramos sem território, sem espaço para a sobrevivência. Ultimamente nós estamos... a partir da década de 70, as nossas lideranças começam a fazer o retorno dos seus territórios tradicionais, os quais tinham deixado compulsoriamente pela política indigenista nacional. Nesse processo, o SPI e a FUNAI atuaram nessa base da política integracionista, na qual a ideia era deixar de ser indígena e se adequar a sociedade não-indígena como estratégia de salvaguarda, na condição de selvagem. Essa ideia baseou a política indigenista durantes séculos, em relação a essas instituições que são partes do estado como um todo, o Estado nacional. Nessa retomada a partir da década de 1980, final de 1970 para 1980, ela representa hoje a resistência dos povos, dos nossos ancestrais, de todas as aldeias,

	pessoas, mulheres, crianças, jovens, para que essa retomada seja uma espécie de forçada, forçar o Estado a demarcar o território, o qual já está garantido o direito na Constituição de 1988. Então nesse processo do retorno, ela poderia apenas legitimar aquilo que já estava como direito, no direito de ser indígena, de ser diferente e a condição é o território. Essa situação leva nos últimos tempos grande violação dos direitos pelos poderes do Estado o SPI, ultimamente a FUNAI, a qual desconsidera atualmente, por exemplo, toda a organização tradicional e sempre o trato atualmente com relação à FUNAI aos indígenas é sempre na condição de tutela e também isso concomitante a nossa região, grandes resistências a essa proposta pelos setores que não apoiam a nossa causa, no caso os setores ruralistas que vêm assassinado os indígenas sistematicamente com os poderes do Estado, como a própria Justiça. Ela vem não tratando essas questões com muita seriedade e acaba ocorrendo situações alternativas de soluções desses conflitos agrários e não conflito estruturante, como a devolução de território aos povos indígenas, então sentido a nossa posição como indígena e também lideranças, nós venhamos dizer para mídia e todos os canais de comunicação, a importância de território como direito e ela vai garantir a nossa diferença e a demarcação de território, ela também vai beneficiar toda a sociedade, porque os povos indígenas são guardiões do território da ecologia e da floresta. Neste sentido eu deixo as minhas palavras para que sejam compreendidas a luta e a pauta dos povos indígenas, principalmente de Guarani e Kaiowá, aqui do estado de Mato Grosso do Sul.
Ricardo Gomes	Os povos indígenas do Brasil ocupam o território brasileiro desde antes da colonização portuguesa. Acredita-se que estes povos ancestrais colonizaram as Américas vindos da Ásia, através de uma ponte de terra que ligava o Alasca e a Sibéria, chamada de "Beríngia", localizada onde hoje está o Estreito de Bering, mas sabiam, caros bio-ouvintes, que lá atrás, no início do Período Colonial aqui no Brasil, por volta 1530, havia muita discussão sobre a origem dos índios aqui no Brasil?
Raissa Bella	Índio, não! Indígena!
Ricardo Gomes	Ué, mas qual a diferença?
Raissa Bella	Índio é um termo pejorativo que reforça o estereótipo de que todos os

	povos originários são selvagens e iguais! O termo “indígena” vem do latim, e significa “natural do lugar que vive ou gerado dentro da terra que lhe é própria”. Os portugueses acreditavam que eles descendiam de alguma “tribo perdida de Israel”, com alguns até duvidando se eram ou não humanos, e para você ter noção, até mesmo o Papa Paulo III interferiu no assunto, proclamando a humanidade indígena, em 1937, com a “Bula Veritas Ipsa”.
Ricardo Gomes	Isso é latim, não é não?
Raissa Bella	Na verdade, sim! Essa proclamação é chamada de “a própria verdade”, condena a escravização de todos os povos indígenas da América e da África, e mais tarde, nessa época, a igreja começou a condenar também os traficantes de escravos, sob a pena de excomunhão.
Ricardo Gome	O que não apaga todo o apoio e a ação da Igreja Católica a favor da escravidão e da desumanização das pessoas indígenas e pessoas negras traficadas, não apaga o quanto a Igreja tentou matar os costumes e as tradições indígenas e africanas, seja pela proibição, pela literalmente demonização de aspecto dessas culturas, ou seja, uma absorção e ressignificação de alguns ritos para coisas como se fossem cristãs, já.
Raissa Bella	Havia os processos das missões, que tinha aqui no Brasil também.
Cristianne Santos	**Cristianne Santos:** E o etnicismo também por aí. Até hoje temos que tomar cuidado porque não é muito discutido, mas está presente em vários países, não apenas aqui no Brasil. Nós não sabemos ao certo o número de indígenas no Brasil na época da chegada dos portugueses em 1500, mas a FUNAI estima que eram cerca de 3 milhões, com outras fontes dizendo que esse número podia ser ainda maior, chegando até a 7 milhões. Em 2010 esse número caiu para, aproximadamente, 900 mil, dividindo-se em 305 povos, segundo o censo do IBGE. Hoje, segundo a ex-presidente da FUNAI e integrante do Conselho de Gestão e Estratégia do Programa Rio Negro do ISA (Instituto Socioambiental), a Marta Azevedo, esse número cresceu. E estima-se que são 1.3 milhão de indígenas no Brasil, agrupados em 231 povos, com mais de 151 línguas falantes diferentes.

Raissa Bella	Nossa, mas é muita língua! Não imaginei que a gente haveria tanta língua diferente dentro do nosso próprio país. Mas assim, como que eles conseguiram essas informações sobre os povos indígenas no século XVI? Foi usada alguma ferramenta de censo de coleta de dados? Ou os padres que eram o IBGE da época e iam batendo de porta em porta? [risos]
Cristianne Santos	Acho que *** Ricardo Gomes:** Uma hóstia de um lado e um caderninho de anotação do outro [risos]. *** Raissa:** Exato [risos]. *** Cristianne Santos:** Não, Rai. Isso foi conseguido graças aos registros de viajantes de diversas nacionalidades e até mesmo dos próprios colonizadores. As correspondências dos jesuítas e as gramáticas da língua geral e também de outras línguas.
Ricardo Gomes	Ah, legal, legal! Nunca pensei que esse tipo de evidência histórica pudesse ser usado desse jeito.
Raissa Bella	Bem, e voltando ao assunto, que nós estávamos falando anteriormente. Nós podemos falar que a história do povoamento indígena no Brasil "é antes de tudo uma história despovoamento", segundo as palavras do historiador Ronaldo Vainfaz. Extermínios, epidemias, doenças e escravidão fazem parte de toda essa história com uma redução impressionante da população indígena, entre os séculos XV e também XX. Só para você ter uma ideia, bio-ouvinte, se nós usarmos só esses dados que comentamos hoje, 3 milhões iniciais e aproximadamente 900 mil em 2010. Nós estimamos que houve uma perda de mais de 70% da população indígena dessa época.
Ricardo Gomes	Mas e hoje? Como está a situação desses povos? Como é feito esse cálculo?
Cristianne Santos	Bem, Ricardo, vamos usar então o caso do IBGE. Além dos povos isolados, cerca de 900 mil pessoas se autodeclararam indígenas no Censo em 2010, como nós já havíamos falado. Sim, caro ouvinte, esse é o método utilizado pelo IBGE até hoje. Mas vocês sabiam que existe um método mais técnico que pode ser utilizado por pesquisadores para uma avaliação mais precisa?

Raissa Bella	Sim, Cris. E esse método é baseado em uma definição da ONU de 1986, que diz que “as comunidades, os povos e as nações indígenas são aqueles que contando com uma continuidade histórica das sociedades anteriores à invasão e à colonização que foi desenvolvida em seus territórios, consideram a si mesmos distintos de outros setores da sociedade e estão decididos a conservar, a desenvolver e a transmitir às gerações futuras seus territórios ancestrais e a sua identidade étnica, como base de sua existência continuada como povos, em conformidade com seus próprios padrões culturais, as instituições sociais e os sistemas jurídicos”.
Ricardo Gomes	Quando falamos de população indígena, temos que lembrar que ela ocorre do período colonial, onde eram utilizados diversos meios de controle social. Assim, ao invés de reconhecer e valorizar cada identidade específica, as línguas, as formas de organização social, de ocupação da terra, do uso de recursos naturais, foram implantadas uma concentração espacial da população indígena, o que facilitou a contaminação por doenças e a consequente diminuição pós-contato colonial.
Cristianne Santos	E, Ricardo, isso sem falar dos sistemas paternalistas e precários da assistência social. Além desse confinamento territorial e a exploração dos recursos naturais disponíveis. Hoje, as 350 etnias indígenas estão distribuídas em todo o território brasileiro, porém elas concentram mais, estão em maior número, nas regiões norte e centro-oeste.
Raissa Bella	Mas só porque a gente está falando dos dias de hoje, em comparação com os tempos do Brasil colônia, isso não quer dizer que está tudo bem e que os povos vivem bem. Sobreviver com dignidade, nas terras que eles têm direito, tem sido uma luta diária. Como por exemplo, na reportagem desse ano do UOL, do jornalista Carlos Madeiro, ele fala sobre uma aldeia indígena que é a Aconã, que fica em Itaipu, no sertão nordestino. Onde os estudantes e professores do ensino fundamental, eles têm de assistir as aulas debaixo de uma árvore, enfrentando sol e chuva para poderem estudar.
[música de piano ao fundo]	

Ricardo Gomes	Nós temos falado até o momento da FUNAI, mas o que é a FUNAI? Para que ela serve? O que ela deveria pelo menos fazer?
Cristianne Santos	Bom, bio-ouvinte, a Fundação Nacional do Índio, também conhecida como FUNAI, é o atual órgão que vai atuar na coordenação e execução da política indigenista no Brasil. E tem como missão "promover a proteção dos direitos dos povos indígenas, de modo a garantir, constitucionalmente, a sua pluralidade étnica e cultural". A FUNAI foi criada em 1967 em meio à ditadura militar, sim, bio-ouvinte, com a função de substituir o antigo SPI, que é o Serviço de Proteção ao Índio. Esse foi extinto por estar envolvido em diversas polêmicas que envolviam acusações de genocídio, má gestão e também corrupção. Nada novo sobre o horizonte atual.
Ricardo Gomes	Ah, não, imagina [risos]. Para você ver que desde aquela época a gente já vivia os tempos de hoje, que a gente está revisando infelizmente. Mesmo com a criação da FUNAI, a política indigenista da época ficou no ostracismo, ou seja, foi para inglês ver. O governo estava muito mais preocupado com reforma administrativa e com interesses em promover a expansão política e econômica para o interior do país, a famosa corrida para o oeste, priorizando a construção de estradas, hidrelétricas, expandindo terra dos ruralistas e da atividade mineradora. Nada, nada, que ligue com os dias de hoje [risos].
Raissa Bella	É, então, e você tem certeza mesmo que você está falando lá de trás? Porque o exemplo mais recente que nós temos é o da instalação da usina hidrelétrica de Belo Monte, da baia do rio Xingu em Altamira, que fica no Pará, em 2016. Que impactou diretamente a vida dos povos da região.
Ricardo Gomes	Pois é, pois é. Uma parte do território indígena local foi inundado para a construção da hidrelétrica. Além disso, a população dos ribeirinhos da região também sofreu, reclamando da escassez do pescado e da diferença das épocas de cheia e de vazante, que eram muito mais claras e intensas antes da construção da usina.
Cristianne Santos	Infelizmente, mais recente ainda foi a morte do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Philips, que "atrapalhavam" as atividades de pesca ilegal na região da terra indígena Vale do Javari, no Amazonas, em junho desse ano, em 2022. Sim, essa é muito atual.

Raissa Bella	Pois é, e até parece que a gente entrou naquele filme "O feitiço do tempo" e somos condenados a vivenciar sempre os mesmos acontecimentos.
[música clássica – piano ao fundo]	
Ricardo Gomes	Dia da marmota, desgraçado, dia da marmota * **Cristianne Santos:** eu me pergunto se esse louco termina em 2030. A gente vai ter que esperar para saber, quem sabe não grava um episódio * **Raissa Bella:** Se o Brasil não acabar até lá.
Cristianne Santos	Do jeito que vai não vai sobrar muito *** Ricardo Gomes:** Se você estiver ouvindo isso em 2030, é a prova de que alguma coisa deve ter dado certo, porque a gente está em um ritmo para não ter mais civilização. [risos] (palavra não identificada)
Cristianne Santos	Ou pelo menos não ter no Brasil, talvez em algum lugar do mundo evoluído a gente vai conseguir ter. Agora aqui, do jeito que vai, no governo que vai, provavelmente não.
Ricardo Gomes	A civilização, a civilidade aqui já acabaram. *** Raissa Bella:** Com certeza. [risos] Essa daí já foi embora faz um tempinho.
Ricardo Gomes	E os abusos, a conivência e a corrupção vem se repetindo desde longa data, só que com índices e graus de violência muito maiores. Não é à toa que a gente entrou no terceiro dia de campanha eleitoral, de 2022, e já teve uma agressão direta do Bolsonaro a uma pessoa que estava criticando. Uma agressão direta de puxar a camisa e tentar pegar o celular dele. [risos] É essa pessoa que você vai querer reeleger? Realmente, já tá bom. [risos] Assim, perpetuando essas ações, a gente continua passando por cima de direitos, destruindo o meio ambiente e ceifando vidas no processo.
Raissa Bella	E até quando isso? Por isso que queremos convidar você, bio-ouvinte, a refletir sobre o papel dos povos indígenas e sobre o desmonte do órgão que foi criado para zelar para que as terras, as culturas, os direitos dos

	povos nativos sejam respeitados e mantidos.
Cristianne Santos	Mas antes disso, Rai. Já que nós estamos falando sobre o que aconteceu e o que está acontecendo com os povos indígenas do nosso país. Vamos falar sobre o que compele então a FUNAI.
Ricardo Gomes	Identificar, delimitar, demarcar e regularizar as terras ocupadas por povos indígenas.
Raissa Bella	Monitorar e fiscalizar essas terras.
Cristianne Santos	Coordenar e implementar políticas voltadas à proteção dos povos isolados e dos recém-contatados.
Ricardo Gomes	Elaborar ações que garantam a diversidade cultural entre os diferentes grupos étnicos.
Raissa Bella	Conservar e recuperar o meio ambiente em terras indígenas.
Cristianne Santos	Monitorar políticas destinadas à seguridade social e à educação escolar indígena, entre outras ações.
[música clássica – dramática – ao fundo]	
Ricardo Gomes	"ABANDONADOS PELA FUNAI, 60% DAS TERRAS INDÍGENAS SÃO DEVASTADAS POR MAIS DE 100 MIL FOCOS DE INCÊNDIO." Repórter Brasil 2020.
[música clássica – dramática – ao fundo]	

Raissa Bella	ORÇAMENTO DA FUNAI: O PROBLEMA NÃO É TÉCNICO NEM FINANCEIRO, ELE É EMINENTEMENTE POLÍTICO. Conselho Indigenista Missionário, 2020.
Cristianne Santos	“DOSSIÊ INÉDITO REVELA COMO BOLSONARO TRANSFORMOU A FUNAI EM UM ÓRGÃO ANTI-INDIGENISTA.” Brasil de Fato, 2022.
[música clássica – dramática – ao fundo]	
Ricardo Gomes:	“AS CONSQUÊNCIAS SÃO IRREPARÁVEIS”, DIZ A INDÍGENA TERENA, SOBRE A DESTRUIÇÃO DO PANTANAL”. Brasil de Fato, 2022.
Raissa Bella:	“DESMATAMENTO EM TERRAS INDÍGENAS AUMENTA EM 64% NOS PRIMEIROS MESES DE 2020”. Greenpeace, 2022.
Cristianne Santos	“PERDA DE TERRITÓRIOS INDÍGENAS AMEAÇA SEGURANÇA ALIMENTAR, DIZ EX-PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA-GERAL DA ONU.” G1, 2022.
Ricardo Gomes	“MINERAÇÃO EM TERRAS INDÍGENAS PODE CAUSAR PERDAS BILIONÁRIAS.” DW Brasil, 2020.
Raissa Bella	É, bio-ouvintes. Parece que tem caroço nesse angu! Quer saber por quê? A FUNAI é um órgão que tem baixo orçamento para realizar suas atividades e, desde sempre, é sucateada. Segundo o jornal GGN, de 23 de junho de 2020, o orçamento da FUNAI, que nesse ano foi de 640 milhões de reais para todas as despesas (incluindo pagamento de pessoal e de previdência, ações de demarcação de terras e proteção dos direitos indígenas) representou só 0,02% do orçamento da União, que foi de 3,6 trilhões de reais. Vale ressaltar, também, que foi o mais baixo dos últimos 10 anos. Então, para termos uma ideia mais concreta de quanto esses valores são baixos, basta fazer uma comparação com o subsídio que o Governo Federal concedeu, nesse período, à Petrobrás e às petroleiras estrangeiras para extração do petróleo brasileiro que foi da

	ordem de R$ 20 bilhões, ou seja, um valor 33 vezes maior do que o orçamento da FUNAI.
Ricardo Gomes	Isso é o que o estado deixou de arrecadar! Subsídio é sempre aquilo, você deixa de arrecadar de uma empresa que não precisa desse subsídio todo e sempre alguém paga pelo pato, quem é? Normalmente quem paga somos nós! E esse estrangulamento fica ainda mais grave e preocupante quando se trata da verba destinada à execução de uma das atribuições da FUNAI: até junho de 2020, a FUNAI gastou apenas 2,1 milhões dos 20,4 milhões de reais destinados à regularização, demarcação, fiscalização de terras e proteção de povos indígenas isolados, o que equivale a 10,5% do orçamento disponível.
Cristianne Santos	Aí vem a pergunta que não quer e nem pode calar: o que foi feito com os 89,5% do que sobrou? Isso ninguém esclarece, bio-ouvinte. Os valores são absurdos em todos os sentidos e a conta nunca fecha. Parece que tudo é colocado na cartola de um mágico e desaparece. Só que não, isso vai parar no bolso de alguém, com certeza!
Ricardo Gomes	Alguém que está acumulando cargo, recebe tanto como um general como um ministro. * **Cristianne Santos:** ou na caixinha de sapato que vai parar na mesa de algum deputado! * **Ricardo Gomes:** são sempre algumas coisas que devem ter boas explicações, mas ninguém consegue falar. [risos] Mas os problemas com a FUNAI não ficam só na esfera monetária, tem também a ver com a dimensão política associada à bancada ruralista e ao agronegócio, que se diz tão “pop”. Não é de hoje que problemas relacionando terras indígenas e FUNAI são pautas dos veículos da mídia, seja ele associado aos governos estadual e federal, seja associado a disputas das terras com fazendeiros. Mas… o que será que têm de tão importante para causar tantos desejos de posse e embates por essas terras?
Raissa	Furto e roubo de madeira, exploração de minério, plantação de transgênicos, esses são uns dos pequenos desejos. E, muito mais grave ainda, com o aval do governo. Por exemplo, em 05 de fevereiro de 2020, nosso queridíssimo presidente Jair Bolsonaro encaminhou o projeto de lei 191/2020, em que estabelece propostas para a exploração de recursos minerais em terras indígenas. Ou seja, abre a reserva para todo e qualquer tipo de exploração e, consequentemente, para a destruição

	do meio ambiente e o aumento da violência.
Cristianne	Muito triste, não é?! Triste, não! É muito mais que isso! É realmente desesperador perceber como a conservação da natureza, que já não era algo fácil, e a preservação da vida estão sendo deixadas de lado em favor do “pseudoprogresso” e desenvolvimento. Afinal de contas, será que o dinheiro vai pagar todas essas contas no final?
Ricardo	E vale lembrar também, bio-ouvinte, que Bolsonaro quando fala sobre mineração. Ele dá a ideia do que ele fazia por um bom tempo da vida dele, que é pegar uma peneira, o mercúrio e ir para a beira do rio cometer um pequeno crime ambiental. A mineração que está sendo liberada, que está tendo de ser liberada por lei pelo governo federal hoje não é de subsistência, de maneira nenhuma, não é como uma pequena vila que pesca para sua própria subsistência. São equipamentos milionários, que dependem de mão de obra, ai sim a mão de obra pode ser de uma pessoa um pouco mais simples, que vai operar aquele equipamento, mas quem está bancando o equipamento, quem vai realmente lucrar são pessoas que já tem dinheiro, porque o maquinário que é preso, que é apreendido pelo IBAMA, pelo ICMBio não são coisas baratas, não é um carro de 5 ou 10 mil que você pode comprar, são maquinas de 300 ou 500 mil, às vezes até de milhão. Então, embora a presença de povos indígenas em território brasileiro seja bem anterior à chegada dos europeus, o desrespeito a sua cultura, a invasão e tomada de suas terras têm sido constantes desde então, mesmo respaldados por leis e protegidos pela Constituição. O “estatuto do índio”, promulgado em 1973, pregava que as populações indígenas deveriam ser “integradas” ao restante da sociedade. E não à toa nós temos aquela frase do Bolsonaro “Mudou, o índio mudou, cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós”. Ou seja, o padrão a ser seguido em seus hábitos, atividades e cultura era aquele ditado pelo “homem branco”, não pelo indígena. Foi só em 1988 que a Constituição garantiu a proteção aos direitos e respeito à cultura das populações originárias. Por exemplo, os direitos sobre suas terras são definidos como “direitos originários”, isto é, anteriores à colonização portuguesa. A obrigação de proteger as terras indígenas cabe à União, a federação, ao país e sua demarcação é fixada à chamada “Amazônia Legal”, uma área que engloba 10 estados. Hoje corresponde à totalidade dos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do estado do Maranhão.

Raissa Bella	Então quer dizer que a partir da Constituição de 1988, tudo é “lindo e maravilhoso”?
Ricardo Gomes	Lindo e maravilhoso não sei se já foi algum dia, mas não tem sido, não! Mesmo que, por lei, isso seja garantido, vemos que não é bem assim que a banda toca. Por exemplo, um dos problemas sérios diz respeito aos povos que estão fora dos limites da Amazônia Legal (como os Tupinambás e os Pataxós) que têm sido massacrados por conta da demarcação de terras.
Cristianne Santos	No mesmo passo, bio-ouvintes, há anos, bancadas governamentais, como a ruralista, vêm exercendo forte pressão para que o poder legislativo mude ou crie leis que permitam acesso a essas terras, tirando os povos originários de lá. Um dossiê divulgado no mês de junho de 2022 mostrou que a cova fica cada vez mais profunda, quando ocorre investigação. Dá para perceber só nesse episódio aqui, né? O documento revelou que apenas duas das 39 unidades descentralizadas da FUNAI, chamadas de “Coordenações Regionais” (CRs), são chefiadas por servidores públicos. As outras 19 são coordenadas por membros das Forças Armadas. Coisa estranha!
Gravação da voz	Nosso governo falhar, errar de mais, porque todo mundo erra, mas se errar de mais, não entregar o que prometemos, essa conta irá para as forças armadas.
Raissa Bella	Ah, mas qual que é o problema disso?
Cristianne Santos	Ora, além de não ser atribuição do exército, lideranças indígenas denunciam que essa militarização prejudica a interlocução entre chefias regionais e povos originários!
Raissa Bella	Outro aspecto levantado é que o atual presidente da FUNAI, Marcelo Augusto Xavier da Silva, além de ser um influente latifundiário e um dos pilares do ruralismo, é um “homem de confiança” do Nabhan Garcia, atual secretário especial de assuntos fundiários do Ministério da Agricultura.
Ricardo Gomes	Acho que mais próximo disso, acho que foi o mais próximo que

	conseguiram, porque assim que começou 2019, o Bolsonaro tentou extinguir o Ministério do Meio Ambiente e fazer dele uma pauta dentro do Ministério da Agricultura. Já que não deu, não conseguiu, esse aí foi o mais perto que deu para chegar. é o que a gente está vendo. Mesmo não sendo de responsabilidade única da Funai, ela também é coparticipante na medida que caminha passos largos para o desmonte no seu quadro de funcionários, com servidores despreparados ou incapacitados para a função ou ainda defensores de um governo omisso que compactua com os que destroem o solo, os campos e a floresta, adeptos de aproveitar o momento. Vocês lembram das palavras do Ricardo Sales quando ele era ministro do meio ambiente naquela reunião com ministros do Bolsonaro em 22 de abril de 2020? "O esforço nosso aqui quando estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa que só fala de Covid e passando a apoiar [som de mugido] e mudando todo o regramento e simplificando nomes de Ministério da Agricultura [som de mugido], de Ministério do Meio Ambiente, Ministério disso e Ministério daquilo. Agora é a hora de unir esforços [som de mugido] para dar de passeada simplificação regulatória que nós precisamos para todos os aspectos."
[música de fundo]	
Raissa Bella	E foi pela porteira aberta que foram expulsos os direitos, o respeito à terra, às pessoas e à natureza e entraram as consequências perigosas como incêndio, evasão de terras, a destruição da flora e da fauna também a morte. O levantamento feito pelo Global Forest Watch mostra que terras indígenas foram devastadas por mais de 115 mil focos de incêndio em 2019. Sendo que o território mais afetado foi o território indígena do Parque do Xingu, localizado no Mato Grosso. Outras consequências trágicas que têm a ver com o desmonte da instituição que foi criada para respeitar, preservar e conservar as terras indígenas diz respeito a facilidade com que o tráfico de drogas circula próximos às fronteiras com a Colômbia e Venezuela, também diz respeito a tranquilidade com que pescadores entram em território indígena pra a pesca ilegal.
Cristianne Santos	Bom, o resultado preocupante dessas práticas? Dentre eles temos o elevado aumento da violência vivenciada nos estupros de Yanomamis por garimpeiros, nas ameaças de morte e assassinato de indígenas, indigenistas, jornalistas e servidores da instituição que cumpriam o papel

	para o qual foram designados. A LISTA DE ILEGALIDADES E ABUSO DE PODER É GRANDE. Como disse a jornalista Liana Coll, “TRATA-SE DE UMA POLÍTICA DE MORTE, QUE TEM COMO MOTOR O ÓDIO” e esse processo tem de ser interrompido a tempo. Daí a necessidade de que vimos de trazer essa pauta para relembrar fatos, provocar reflexão, afinal, vivemos um momento decisivo e extremamente conturbado da nossa democracia.
Raissa Bella	Por isso, é preciso ter em mente as palavras do filósofo e ativista Aílton Krenak, do seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo”: “[...] se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura, ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar nossa demanda.”
[Música de fundo]	
Ricardo Gomes	Pois é! Fica aí, bio-ovinte, para vocês o que a gente queria trazer. Se colocar no lugar do outro. Eu sei que boa parte da... Assim, pelos indícios que a gente tem, a gente desconfia que boa parte da nossa audiência não seja indígena, então não tenha experiência, pode não ter muito contato com a realidade desses povos e a gente quis trazer um pouco de como tem sido para esse povo uma luta constante de sobrevivência a mais de 500 anos e que agora nos últimos 3 ou 4 anos ficou pior ainda.
[Áudio de Bolsonaro]	"O Brasil não é um terreiro aberto, onde nós pretendemos construir coisas para o nosso povo. nós temos que descontruir muita coisa, desfazer muita coisa para depois nós começarmos a fazer."
[Música de fundo]	
Cristianne Santos	Sempre existiu uma enorme cortina de fumaça que parecia separar essas duas realidades que existem concomitantemente, então está acontecendo ao mesmo tempo, não existe a realidade indígena e a realidade não indígena no Brasil. O que acontece é que a gente não tem esse olhar, a gente não olha para esse lado, não fomos acostumados a perceber os problemas da população originária, da população que

	também é brasileira. E eu indico muito esse livro do Krenak, por que é a visão de quem é um indígena sabe? Acho que muitas vezes a gente está com conceitos errados do que seja e ele traz uma ótima reflexão sobre o que está realmente acontecendo, não só com os povos indígenas, mas como com todo o planeta e que sempre são criadas cortinas de fumaça para que a gente pare de perceber todos esses problemas. Ou então que ache que eles são pequenos, mas somados eles podem estar promovendo uma grande guerra que não mais compete só esses povos, mas todos nós. é isso que a gente está vivendo hoje no Brasil. Estamos em meio a uma guerra, uma guerra de violência, de intolerância. Então, eu espero fortemente que as pessoas consigam enxergar essa realidade. Nós não estamos aqui falando, criando uma minissérie porque a gente quer ser partidarista, não! Nós estamos aqui lutando nessa guerra para conseguir ter um futuro, para quem sabe 2030 estarmos nós reunidos falando de um futuro melhor para o nosso país. Então, eu espero que isso sirva só de alerta e que vocês procurem saber o que é a realidade. Infelizmente até falta tempo para o cidadão fazer isso, porque a gente está imerso em um sistema, que quando chegamos do trabalho esgotados, o único tempo que a gente tem é pensar no outro dia e descansar. Então, as vezes a gente não consegue ter acesso à informação e é isso que a gente tenta trazer aqui no Biologia In Situ. Mas é isso pessoal! Tentem se informar, tentem ajudar as pessoas a se informarem compartilhando porque esse trabalho que a gente faz aqui, é para isso, é para ser compartilhado, é para ser discutido, é para servir de reflexão e eu espero que ele consiga atingir todos, todas as pessoas, independentemente de partido, de origem e que a gente consiga trazer esse debate, principalmente nesse momento tão importante para o país.
Raissa Bella	Sim, e também para estudarem as propostas dos candidatos que vocês tem em mente tanto os outros temas, mas também com a pauta de hoje sobre a relação deles aos povos originários, para saber como eles vão fazer para proteger eles de alguma forma, para tentar recuperar um pouco do que foi perdido durante todo esse governo. Porque do jeito que está vai ser só ladeira abaixo e não vai sobrar mais nada para ninguém.
Cristianne Santos	Tem um aplicativo maravilhoso que é o Poder do Voto ou Poder de Voto, está na Play Store, é gratuito e vocês podem ver todas as propostas e também além de propostas, os planos que estão sendo lançados ou que está em votação. Então, tem uma participação muito ativa através desse aplicativo e também vocês podem acompanhar todo o plano dos seus

	candidatos por ele também. Isso facilita bastante já que as vezes a gente não tem tempo de sair procurando onde está disponível, então está em um só lugar, no aplicativo, no seu celular que você pode dar uma olhadinha indo para o trabalho ou voltando do trabalho e se informar sobre o que cada um dos candidatos está propondo nesse momento.
[Música de fundo]	
Ricardo Gomes	Muito bem! E aqui no Bio In Situ a gente sempre vai fazer o exercício de ligar o ventilador para dispersar a cortina de fumaça como a Cris comentou e por hoje é só, bio-ouvinte! Fiquem ligados no nosso feed que é essa série, essa minissérie tem mais episódios, como eu falei lá no início a gente ainda vai falar de saúde, educação e do meio ambiente. Até lá você pode nos visitar no nosso site biologiainsitu.com.br, também nas nossas redes sociais, Instagram, Facebook, no LinkedIn como @biologiainsitu e no Twitter e TikTok como @bioinsitu. E lá já tem mais de 500 publicações para você ir se informando sobre biologia do nosso jeitinho mais divertido que a gente consegue trazer para vocês. Ficamos por aqui hoje e tchau, tchau, Raissa! Tchau, tchau, Cris!
Raissa Bella	Tchau, tchau, gente!
Cristianne Santos	Tchau, pessoal!
Raissa Bella	Tchau, bio-ouvinte!
Ricardo Gomes	Tchau, bio-ouvinte! Beijo! Tchau, tchau!